

Desenvolvimento territorial na trama do capitalismo financeirizado: o meio técnico-científico-informacional e a territorialização do investimento¹

Ricardo A. Scherma

✉ ricardo.scherma@uffs.edu.br

Resumo

O direcionamento crescente do capital superacumulado para realização lucrativa na esfera financeira resultou em taxas de investimentos produtivos muito baixas nestas últimas três décadas (LUCIA, 2010); assim, os territórios, em suas diferentes escalas, buscam atrair os poucos investimentos que as empresas anunciam. Este texto visa a apresentar elementos que comandam a territorialização dos investimentos produtivos. São hoje as metrópoles, as cidades intermediárias e os aglomerados urbanos os lugares onde se instalam preferencialmente os recursos financeiros para expansão das forças produtivas. A presença de um meio geográfico tecnicamente moderno (SANTOS, 1996) e a construção de “um clima favorável aos negócios” (HARVEY, 2006) permitem que os fluxos de capital destinados à formação bruta de capital fixo direcionem-se para aquelas regiões ou cidades que melhor atendam às exigências de reprodução e acumulação. Apresentamos o estudo realizado para a Região Metropolitana de Campinas, um subespaço que tem recebido investimentos no setor industrial e de serviços, configurando uma das regiões do território brasileiro partícipes dessa lógica do capitalismo mundializado.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: investimentos produtivos, empresas transnacionais, Região Metropolitana de Campinas.

1 Excertos da tese de doutorado “Capitalismo Financeiro e Uso Corporativo do Espaço da Nação: o território como recurso” – Financiamento FAPESP – defendida em dezembro de 2012 no PPGG – Unesp Rio Claro (SCHERMA, 2012). Os dados foram atualizados como parte do trabalho de colaboração no projeto de pesquisa com financiamento do CNPq (Ciências Humanas - 2014) “Urbanização, cidades e desigualdades socioespaciais urbano-metropolitanas no Brasil meridional: uma análise das regiões metropolitanas de Campinas (SP) e Chapecó (SC)”.

Capitalismo financeiro e território

O direcionamento crescente do capital superacumulado para realização lucrativa na esfera financeira resultou em taxas de investimentos produtivos² muito baixas nessas últimas três décadas (LUCIA, 2010); assim, os territórios, em suas diferentes escalas, buscam atrair os poucos investimentos que as empresas anunciam. Para Maria Laura Silveira (1999, p. 115), “essa dinâmica do chamado capital financeiro contribuiu para consolidar um modelo territorial mais centralizado, com sistemas de engenharia implantados apenas nos lugares de interesses da estrutura mundial de produção e consumo”.

Hoje, as finanças deixam de ser vistas como “suporte” ou “motor” da atividade produtiva para assumir crescente centralidade. Essa centralidade de valorização do capital na esfera financeira acaba por gerar um processo em que resulta em “marginal” a importância do capital destinado aos investimentos produtivos (LUCIA, 2010, p. 9), sendo cada vez maior a quantidade de dinheiro aplicado em operações puramente financeiras.

Sabemos que as operações realizadas nas bolsas de valores ao redor do mundo superam enormemente o Produto Interno Bruto (PIB) mundial. No Brasil, devido ao processo de financeirização da economia e do território que se instala com maior intensidade no início dos anos 90, a quantidade de capital que se territorializa em investimentos diretamente produtivos é muito pequena, se comparada ao capital que é direcionado para realização na esfera financeira³. Como acertadamente asseveram Gérard Duménil e Dominique Lévy (2003, p. 95), “Na

2 Estudar como nascem os capitais com a intenção de conhecer seus caminhos através do mundo, as regiões que os atraem, e quais são as atividades que eles desenvolvem foi um dos desafios já apontados por geógrafos como Pierre Monbeig (1957, p.231). Para Monbeig, “a ação dos grandes grupos torna-se possível porque eles dispõem de capitais e possuem a indispensável capacidade de investir”; segue o autor: “os investimentos representam uma corrente de tráfego, uma circulação que tem, no mínimo, tanta significação quanto o tráfego do canal de Suez ou a circulação no Mediterrâneo, pois sem os investimentos não haveria canal de Suez e no Mediterrâneo circulariam apenas uns poucos navios com cargas bem leves”. Nesse mesmo sentido, se orienta Milton Santos em seu Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo, quando dedica o capítulo XII da terceira parte desse livro à discussão em torno dos Investimentos e a Rede Urbana. Para esse autor, os problemas relativos aos investimentos devem ocupar um lugar muito importante nas pesquisas geográficas; ele ainda pergunta: qual seria o papel dos investimentos na localização das cidades e das redes em seu desenvolvimento e mutação?

3 O volume médio diário de transações da BOVESPA foi de R\$ 6,7 bilhões em dezembro de 2015; nesse mesmo ano, as aplicações financeiras registraram um saldo consolidado de R\$ 3,7 trilhões (BC, 2015, p. 56 e 110). Em contrapartida, os investimentos anunciados relacionados a setores produtivos nesse mesmo ano, segundo relatórios da Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio Exterior, foram da ordem de U\$ 60,5 bilhões para todo o território brasileiro (MDIC, 2015).

ausência de oportunidades de lucro na esfera produtiva, os capitalistas dirigem-se, de maneira vertiginosa para investimentos financeiros especulativos”.

A financeirização da economia e do território⁴ brasileiro criou as condições, uma opção para a classe empresarial, para valorizar seu capital sem que fizessem investimentos produtivos. Como é possível ler, na Figura 1, apesar da constante queda na taxa de Formação Bruta de Capital que se inicia em 1998 e só conhece sua recuperação a partir de 2004, a linha que representa a lucratividade do capital conhece um aumento surpreendente exatamente nos mesmos anos em que se observa uma forte queda nos investimentos.

Figura 1. Lucratividade do capital e taxa de Formação Bruta de Capital, Brasil – 1995-2008 (em %).



Fonte: IPEA (2009, v. 1, p. 179).

Livres da intervenção e regulação do estado na determinação da localização dos investimentos, os capitalistas irão buscar lugares onde a rentabilidade seja aquela determinada pela esfera financeira. Daí conhecermos hoje uma “guerra entre os lugares” para a atração dos minguados capitais destinados à expansão das forças produtivas. Como nos ensina Milton Santos (2008, p. 247-248), “os lugares se distinguem pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos. Essa rentabilidade é maior ou menor, em virtude das condições locais de ordem técnica (equipamentos, infraestrutura, acessibilidade) e organizacional (leis locais, impostos, relações trabalhistas, tradição laboral) ”.

4 Para a compressão dos processos de financeirização da economia e do território sugerimos algumas leituras: Chesnais (1998) Chesnais et. al (2003); Harvey (2011; 2013); Santos e Silveira (2006); Lucia (2010).

Meio geográfico e a territorialização do investimento

A noção de meio técnico-científico-informacional, desenvolvida por Milton Santos (1985; 1993; 1996) ao longo de anos, é capaz de expressar a complexidade geográfica do atual período. Na sucessão de períodos históricos, foram elaborados e incorporados aos territórios sistemas de objetos técnicos e sistemas de ações que possibilitaram aos homens empreender ações cada vez mais racionais e, portanto, precisas. De um meio natural, onde as condições naturais constituíam a base material da existência do grupo, conhecemos no período técnico “a emergência de um espaço mecanizado”, em que “os objetos técnicos, maquínicos, juntam à razão natural sua própria razão, uma lógica instrumental que desafia lógicas naturais, criando, nos lugares atingidos, mistos ou híbridos conflitivos” (SANTOS, 2008, p. 235 e 237).

Mas é no pós-guerra que a humanidade inicia um novo período — o período técnico-científico — em que técnica e a ciência fundem-se e criam novos objetos técnicos, objetos esses que irão povoar os lugares e criar uma nova realidade geográfica. Diante disso, Milton Santos propõe falar em algo novo:

Neste período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008, p. 238).

Os espaços requalificados, atualizados segundo as exigências do novo período, seriam aqueles aptos à atuação e aos interesses dos agentes hegemônicos da economia, da cultura e da política, tendo como consequência a sua incorporação nas correntes mundiais. Ainda para Milton Santos, “o meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização” e “mesmo onde se manifesta pontualmente, ele assegura o funcionamento dos processos encadeados a que se está chamando globalização” (SANTOS, 2008, p. 239-240).

Se esse novo período exige a requalificação dos lugares, a criação de um novo meio geográfico, se os lugares onde o meio técnico-científico-informacional se desenvolve em toda sua plenitude são aqueles aptos a receberem e participarem do processo de globalização, podemos associar a constituição desse novo meio geográfico à ideologia da competitividade. Milton Santos nos alerta para pensar como, no presente, a ideologia da competitividade toma o lugar que ocupava o

discurso do progresso e, mais tarde, no pós-guerra, o discurso do desenvolvimento. Diferente dos discursos antecessores que ainda guardavam uma preocupação filosófica e moral, a busca pela competitividade basta por ela mesma e não exige de seus defensores qualquer debate ético (SANTOS, 1997). Quando o planeta se torna campo único de concorrência, uma nova palavra se instala como parte do discurso corrente da economia e da política, essa palavra é a competitividade (SANTOS, 2008, p. 211).

Tudo o que serve à produção globalizada também serve à competitividade entre as empresas: processos técnicos, informacionais e organizativos, normas e desregulações, lugares. Tudo o que contribui para construir o processo de globalização, como ele atualmente se dá, também contribui para que a relação entre as empresas – e, por extensão, os países, as sociedades, os homens – esteja fundado numa guerra sem quartel. Como esta é a lei da produção e da circulação das firmas globais, a cada momento a maior mais-valia está buscando ultrapassar a si mesma. Suprema ironia: essa mais-valia tão fugaz não pode ser medida; e, ao mesmo tempo, se torna a principal alavanca, senão o motor unitário, das ações mais características da economia globalizada (SANTOS, 2008, p. 212).

Tratando das especificidades que cada território possui na atração ou manutenção de atividades econômicas, Benko e Pecqueur afirmam que a globalização, longe de significar uma total homogeneização do espaço mundial, gera especialização e diferenciações espaciais, que acabam por formar economias em “Oasis” ou “arquipélagos”, “ou seja, uma rede de regiões mais dinâmicas que deixam atrás delas o resto do mundo” (BENKO; PECQUEUR, 2001, p. 40).

Longe de desaparecerem, as regiões ganham importância e continuam a manifestar-se como diferenciação espacial, agora fundada, sobretudo, nas densidades técnicas, comunicacionais, normativas, científicas, informacionais e financeiras, variáveis que comandam os atuais processos e a lógica do capitalismo mundializado.

Competitividade e diferenciação espacial tornam-se, portanto, concepções norteadoras de governos e planejadores na administração pública dos lugares. Assim, os territórios buscam diferenciar-se, por intermédio do aumento da densidade técnica-científica e informacional, e também pelo aumento da densidade normativa, isso para tornarem-se atrativos à instalação, ampliação ou mesmo manutenção das grandes e médias empresas. Como assevera Milton Santos, “Na cidade corporativa, o essencial do esforço de equipamento é primordialmente feito para o serviço das empresas hegemônicas; o que porventura interessa às demais

empresas e ao grosso da população é praticamente o residual na elaboração dos orçamentos públicos”. Tudo isso, continua o autor, “obedece à mais estrita racionalidade capitalista, em nome do aumento do produto nacional, da capacidade de exportação etc.” (SANTOS, 2009, p. 105).

Nesse sentido, sendo a informação um dos pilares do período no atual contexto de competitividade entre cidades, como prática das políticas de desenvolvimento territorial, conhecemos nesses últimos anos a criação de Agências de Desenvolvimento Metropolitano. As agências atuam na elaboração de planos estratégicos, gerenciam fundos metropolitanos, organizam informações e índices de desenvolvimento territorial para que os investidores conheçam as possibilidades dadas por um determinado território na realização de seus investimentos.

No estado de São Paulo, atualmente, encontramos, por exemplo, a Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Campinas (Agemcamp), a Agência Metropolitana da Baixada Santista (Agem) e a Agência Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (Agemvale). Outras regiões metropolitanas do país também acompanharam as exigências do período e trataram de organizar suas agências voltadas à atração dos investimentos, como é o caso da criação, em 2009, da Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte e, em 2012, da Agência de Desenvolvimento do Vale do Aço. Mas não são somente as regiões metropolitanas que criam essas instituições voltadas à promoção de frações do território nacional; as cidades também o fazem, como é o caso da criação da Agência Curitiba de Desenvolvimento S/A.

Essas agências são consideradas, portanto, um elemento importante nessa nova onda de urbanização corporativa marcada pelas exigências de rentabilidade no bojo do capitalismo financeirizado, que procura os melhores e mais rentáveis lugares para realizar investimentos produtivos, isso para atender às exigências de rentabilidade e valorização do patrimônio dos acionistas, proprietários e investidores.

Região Metropolitana de Campinas, um Espaço da Globalização: grandes empresas e a territorialização do investimento

Para Milton Santos e Maria L. Silveira, as elevadas densidades – institucional, informacional, comunicacional e financeira – que encontramos nas metrópoles aceleram processos de mutações territoriais. A esse respeito, vale reproduzir a passagem:

A metrópole é o lugar em que se dão sucessivas adaptações ao moderno sem atenção ao preexistente. Todavia, o custo do alheamento com o qual se implanta essa modernidade representa um

peso sobre outros aspectos da vida local, mediante custos públicos e privados, custos federais, estaduais e municipais. Tais adaptações ao moderno representam lógicas distantes, que incidem sobre subáreas privilegiadas mediante uma evolução que se realiza com a recusa a uma vocação própria e a um destino produzido de dentro do organismo urbano. Toda a cidade, entretanto, sofre os resultados deste processo (SANTOS; SILVEIRA, 2006, p. 287).

A penetração desigual dos sistemas de ações capitalistas sob as circunstâncias de um determinado lugar tem como resultado a constituição de configurações territoriais infinitamente distintas⁵. Essa penetração de eventos e fenômenos revela a constituição de um espaço racional, sobretudo, nas regiões metropolitanas, território apto ao trabalho das grandes empresas e, portanto, da acumulação de capital. Assistimos, no atual contexto de financeirização da economia e do território, à constituição de verdadeiras *idades corporativas*, onde:

a) as constantes atualizações do território, incluindo as normatizações, criam uma configuração territorial que se traduz em produtividade espacial. Nessas *Cidades Corporativas*, ocorre a presença marcante de muitas empresas transnacionais. Lembremos que essas grandes empresas operam sob a lógica do capital financeiro e é esta lógica que determina onde elas realizarão seus investimentos;

b) as isenções de impostos e os subsídios financeiros atuam como capital financeiro para o capital mundializado na escolha das localizações, remunerando otimamente os capitalistas e fragilizando o poder público;

c) a densidade elevada do sistema bancário em poucas cidades do estado evidencia a pujança econômica das regiões metropolitanas e a constituição de um denso círculo financeiro de cooperação.

Portanto, os fluxos de capital para realização de investimentos produtivos irão se direcionar para aquelas regiões ou cidades que melhor atendem às exigências do período, daí que a existência de um meio geográfico apto a gerar a rentabilidade necessária aos negócios será imprescindível para atrair a territorialização dos investimentos.

Instituída no início dos anos 2000, a Região Metropolitana de Campinas (RMC) no estado de São Paulo é politicamente constituída, atualmente, por 20 municípios, que se comunicam entre si e com o mundo por meio de uma densa rede

5 “Marx mostra como, até mesmo na Europa Ocidental, houve considerável variação em vista da penetração desigual das relações de produção sociais capitalistas sob as circunstâncias locais, o que deu lugar a variações e ‘gradações infinitas na aparência’ (III, cap. XLVII)” (BOTTOMORE, 2001, p. 163).

de sistemas de objetos técnicos que garantem fluxos e sistemas de ações bastante funcionais ao desenvolvimento de uma economia capitalista. Dadas as densidades do meio técnico, construídas historicamente para atender aos ideais de especialização e produtividade⁶, aliadas às recentes densidades normativas que nesse lugar encontramos, é possível asseverar que a Região Metropolitana de Campinas é um espaço da globalização e também uma metrópole corporativa. Assim, nesse lugar, as tendências do mundo se realizam, já que mundo “é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares” (SANTOS, 2008c, p. 169).

Os investimentos⁷ anunciados para a Região Metropolitana de Campinas entre os anos de 1997 e 2005 totalizaram US\$ 18,3 bilhões (10% do valor anunciado para o estado de São Paulo); e US\$ 9,23 bilhões entre os anos de 2006 e 2010 o que representava 7,7% em relação as intenções de investimento para o estado. Como assevera Milton Santos (2008c p. 21), “a produção tende a concentrar em certos pontos do território com tanto mais força quanto se trate de atividades modernas”. Um terceiro período que compreende os anos de 2011 a 2014 continua a evidenciar a capacidade da região metropolitana de Campinas de atrair investimentos, sobretudo, aqueles considerados como de grande porte e aqueles relacionados às atividades intensivas em tecnologia. Nesse período de 4 anos, foram anunciados US\$ 17,09 bilhões em investimentos na região, o que representa uma média de 8,95% em relação à totalidade de investimentos anunciados em todo o estado.

A pujança industrial das cidades da região se revela no montante dos investimentos anunciados para cada circuito espacial produtivo entre os anos de 1997 e 2005. Dos US\$ 18,3 bilhões, a indústria absorveu 77,8%, ou seja, US\$ 14,3 bilhões; ao setor de serviços foram destinados US\$ 3,7 bilhões; ao comércio, US\$

6 A tecnificação dos municípios que hoje compõem a RMC se deu com grande intensidade com a execução do II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), entre os anos de 1974 e 1979; dentro dessa política, a duplicação da Rodovia Anhanguera e a construção das Rodovias Dom Pedro I, Bandeirantes e Santos Dumont foram sistemas de objetos geográficos que proporcionaram uma nova dinâmica no território regional. Ainda na década de 1970, a criação dos Distritos Industriais e a implantação no município de Campinas de ações ligadas à Política Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico foram eventos que trouxeram uma considerável densidade técnica a esse lugar.

7 Os dados apresentados foram coletados em dois estudos: um primeiro, desenvolvido pela Fundação Seade: “Investimentos anunciados na Região Metropolitana de Campinas 1997-2005”; e um segundo, apresentado pelo Observatório Metropolitano da Agemcamp: “Investimentos anunciados na Região Metropolitana de Campinas 2006-2010”. A Atualização desses dados incluindo o período de 2011-2014 foi realizada usando os relatórios anuais: “Investimentos anunciados na Região Metropolitana de Campinas” (2011, 2012, 2013 e 2014), produzidos pela Fundação Seade.

267 milhões; e a outros setores US\$ 63,5 milhões. Os subsetores industriais de produtos químicos, automotivos, de eletricidade, gás e água quente, de refino de petróleo e álcool estão entre os circuitos que receberam os maiores investimentos. Destaca-se a indústria química, com mais de US\$ 3 bilhões anunciados.

Nos anos de 2006 a 2010, essa tendência à absorção de investimentos industriais se confirma. Do total dos investimentos anunciados, 55,6% foram para a indústria; 42,7% para o circuito de serviços; o comércio absorveu 1,7%. Nesses anos, os maiores anúncios se deram no setor dos circuitos de “refino de petróleo e álcool; transporte aéreo; atividades imobiliárias e produtos químicos” (FUNDAÇÃO SEADE, 2013, p. 3).

Nos anos posteriores, de 2011 a 2014, o setor industrial continua atraindo investimentos, sendo 80,6%; 21,2%; 13,2% e 38%, respectivamente.

As conexões dessa região com o exterior revelam-se nos investimentos anunciados por empresas controladas pelo capital estrangeiro, entre as quais a liderança coube às norte-americanas que anunciaram a destinação, entre os anos de 1997 e 2005, de recursos da ordem de US\$ 3,95 bilhões. As empresas japonesas aparecem em segundo lugar, com US\$ 1,05 bilhão, com anúncios de investimentos basicamente no setor automotivo. Em seguida, destacam-se as alemãs, com US\$ 908,4 milhões, e as firmas francesas, com US\$ 740,85 milhões. Entre os anos de 2005 e 2009, essa lógica se mantém, com EUA destinando 5,88%, Alemanha 3,51%, França 2,44% e Japão 1,52% dos investimentos anunciados para a região metropolitana de Campinas⁸.

O atual grau de tecnificação das cidades da região metropolitana de Campinas permite que haja essa integração do lugar com o mundo. Os investimentos anunciados pelas grandes empresas podem ser entendidos como eventos; neste caso, a região acolhe feixes de eventos de diferentes lugares do mundo. Esses eventos são responsáveis pela produção de formas materiais e imateriais, como por exemplo, a implantação e ampliação da montadora da empresa japonesa Honda, em Sumaré (SP), ou ainda dos investimentos em P&D, da Suíça Singenta, em Holambra, bem como a implantação da alemã KS – Kolbenschmidt Pierburg, em Nova Odessa. “Descontínuo, instável, o espaço dos países subdesenvolvidos é igualmente multipolarizado, ou seja, é submetido e pressionado por múltiplas influências e polarizações oriundas de diferentes níveis de decisão” (SANTOS, 2008d, p. 21). Assim, a presença das transnacionais dos países desenvolvidos submete o território brasileiro a todo o tipo de interesse,

⁸ Esses valores não incluem o ano de 2010, pois, a partir desse ano, os relatórios passam a ser publicados sem expressarem a origem do capital.

dependência e políticas dos sistemas de trabalho e modernização, que emanam dos países que acolhem as sedes dessas empresas.

Contudo, se a Região Metropolitana de Campinas é capaz de concentrar uma parcela considerável de todo o investimento anunciado no Estado de São Paulo entre os anos de 1997 e 2014, dentro da região, composta por 20 municípios, as desigualdades também se revelam: pois em Paulínia, Campinas, Americana, Sumaré, Hortolândia, Indaiatuba, Jaguariúna, foram os lugares onde se territorializaram a maior parte desses investimentos⁹.

Dos mais de 80 empreendimentos anunciados em Paulínia, quase a totalidade deles era industrial, além de ser de grande porte, como a construção de um complexo petroquímico ao lado da Refinaria do Planalto – Replan; a ampliação da empresa francesa Rhodia e de seu centro de pesquisa; a implantação da fábrica de *lycra* da norte-americana *DuPont*. Também chamam a atenção os investimentos de mais de 1,3 bilhão de dólares realizados pela Petrobras para a expansão da Replan.

Já na metrópole Campinas, dos 4,64 bilhões de dólares anunciados para o município entre os anos de 1997 e 2009, as atividades do terciário concentravam mais da metade, evidenciando o novo papel que Campinas passa a assumir na divisão territorial do trabalho. Os principais fluxos do setor nesse período foram: as atividades imobiliárias, como a implantação do condomínio *Villaggio in Souzas*, outras atividades terciárias como telecomunicações, transporte e agências de viagens (modernização da holandesa *TNT Global Express*), transporte aéreo (aumento da frota da *Absa Cargo Airline e Trip Linhas aéreas*), além dos investimentos públicos anunciados pela Infraero, US\$ 387,8 milhões para a ampliação e modernização do aeroporto internacional de Viracopos. Ainda compondo as atividades do terciário, em Campinas, o banco espanhol Santander anunciou em 2010 o investimento de US\$ 740,3 milhões para implantação de uma unidade de tecnologia, pesquisa e processamento de dados. O local escolhido para tal empreendimento foi o Parque Tecnológico do CIATEC (Companhia de Desenvolvimento do Polo de Alta Tecnologia de Campinas)¹⁰.

9 Itatiba, Cosmópolis, Monte Mor, Nova Odessa, Santo Antônio da Posse, Engenheiro Coelho, Pedreira, Artur Nogueira, Holambra e o recém-incorporado Morungaba, receberam investimentos pontuais e de pequena dimensão financeira; as exceções são aqueles investimentos acima de US\$ 10 milhões, como por exemplo: da Tetra Pak e da belga Frisomat em Monte Mor; o Centro de Distribuição da Cooperativa Veiling Holambra em Sto. A. da Posse; A ampliação da TRW automotivo em Engenheiro Coelho; a transferência da unidade produtiva da Borgwaner de Campinas para Itatiba e a implantação da fábrica de empilhadeiras da Toyota Industries Corporation em Artur Nogueira.

10 Já no setor industrial, a ampliação da americana Nextel (US\$ 360 milhões) e aqueles relacionados à ampliação da fábrica de pneus da Pirelli são exemplos de investimentos de grande porte realizados

Mais recentemente, entre os anos de 2011 e 2014, a atração de investimentos relacionados ao setor de serviços, infraestrutura e tecnologia confirma esse papel da metrópole campineira na atual divisão territorial do trabalho, como por exemplo, os anúncios de investimento, após a concessão à iniciativa privada, para a modernização e ampliação do Aeroporto Internacional de Viracopos; a implantação dos centros de P&D da LeNovo (fabricante de computadores) e da Brasken (produtos químicos) e ainda a construção do novo acelerador de partículas do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron – LNLS.

O município de Americana recebeu empreendimentos bastante significativos no período de 1997 a 2014, entre eles, a implantação da unidade da empresa americana *DuPont*. A retomada dos investimentos no circuito têxtil aponta um processo recente de reestruturação, que se desenvolve na família de cidades em que essa atividade é predominante, por isso, fluxos de capital também foram direcionados para implantação, expansão e modernização de fábricas do circuito têxtil em Nova Odessa e Santa Bárbara d' Oeste¹¹.

Ainda em Americana, a ampliação da Umicore e da Baerlocher, ligadas ao circuito químico, a implantação da fábrica de escavadeiras da coreana Doosan, concluída recentemente, e a modernização e ampliação da capacidade produtiva da *Goodyear*, do circuito de borracha, estão entre os maiores investimentos industriais da cidade.

As empresas japonesas *Honda* e *Toyota* acabam por dinamizar os investimentos em Indaiatuba e Sumaré. Em Sumaré, por exemplo, para além dos investimentos na ampliação e modernização da fábrica Honda realizados nos últimos anos, em 2013, essa empresa anuncia investimentos para implantação e transferência de sua sede administrativa, antes localizada na cidade de São Paulo, para a cidade de Sumaré e ainda implantação de um centro de P&D nessa cidade. Em Indaiatuba, instalaram-se, ainda, após 2011, a unidade de embalagens da Celulose Irani S/A e as fábricas de retroescavadeiras e pás-carregadeiras e escavadeiras da John Deere - Hitachi.

Os municípios de Hortolândia, Jaguariúna e Vinhedo também recebem investimentos de grande porte no período, principalmente aqueles ligados à indústria farmacêutica (EMS); de eletrodomésticos (Bosch - Continental); de tecnologia da informação (Motorolae Compaq) e químico (Unilever); bem como aqueles ligados aos empreendimentos imobiliários como, por exemplo, a

na metrópole.

11 Santa Bárbara d'Oeste também recebeu investimentos de empresas do circuito automotivo, como a implantação da fábrica da japonesa Denso (sistemas de ar-condicionado) e da TRBR (alavancas de câmbio).

implantação do condomínio de empresas de tecnologia da informação *Tech Town*, onde hoje estão instaladas firmas como a canadense *Celestica*, fabricante de componentes para celulares; um escritório da ZTE (telecomunicações); e o centro de serviços da empresa global IBM. A predileção por Hortolândia, município considerado o “paraíso das empresas”, está relacionada, sobretudo, ao seu agressivo Programa Municipal de Incentivo Empresarial - Proemp - do qual a empresa norte-americana *Dell*, por exemplo, pôde se beneficiar. Além das isenções fiscais garantidas pelo programa, a *Dell* ainda contou com o apoio da prefeitura para tratar a burocracia e instalar a infraestrutura completa como: gás, energia e terraplanagem da área¹².

Considerações finais

Fluxos de investimentos nacionais e globais decorrentes de uma complexa divisão territorial do trabalho se instalam na região metropolitana de Campinas, produzindo territórios especializados.

Apesar de receber, junto com as Regiões Metropolitanas de São Paulo; da Baixada Santista e RM do Vale do Paraíba e Litoral Norte, a maior parte dos investimentos anunciados para todo o estado de São Paulo, configurando um dos poucos lugares em que os investimentos produtivos são realizados gerando emprego e renda para a população, a RMC abriga problemas estruturais muito graves, entre eles, o próprio desemprego e o subemprego¹³.

Problemas sociais significativos se acumulam em uma cidade como Hortolândia, que apesar de ter recebido muitas empresas nos últimos anos, o baixo nível de educação formal de seus habitantes impede que esses encontrem emprego nessas firmas, quase todas transnacionais de alta tecnologia. Como assevera Celso Furtado, em seu *O Longo Amanhecer*, um dos núcleos do problema do desenvolvimento encontra-se no crescimento das grandes empresas. Por serem poupadoras de mão de obra em um país farto de pessoas para trabalhar, como o Brasil, elas geram poucos empregos, no entanto, a sua instalação, manutenção e ampliação exigem do Estado enormes dispêndios na construção de sistemas de objetos e ações, bem como na constituição de um arcabouço normativo sempre favorável ao desenvolvimento dessas empresas. Portanto, um lugar como a Região

12 As informações da instalação da Dell foram encontradas na reportagem de Lana Pinheiro para a revista Isto é Dinheiro, nº 58.

13 Em 2015, com uma população de cerca de 3 milhões de habitantes, a RM Campinas possuía 1,977 milhão de pessoas com idade entre 20 e 65 anos, ou seja, de maneira geral, em idade apta ao trabalho; contudo o estoque de empregos formais nos municípios da região era de 945.724 empregos, estando assim distribuídos em dezembro de 2015: agricultura 11.221; indústria de transformação 234.982 trabalhadores; construção 48.266; serviços 432.040 (SEADE, 2015).

Metropolitana de Campinas, que abriga um pujante *círculo superior da economia*, dialeticamente abriga também um crescente e dinâmico *círculo inferior da economia urbana*, esse último, alternativa de trabalho e renda à massa de população pobre não incorporada aos constantes e violentos processos de modernização, atualização e expansão da economia capitalista nesse lugar.

Referências

- BACEN – Banco Central do Brasil. *Relatório Anual 2015*, v.51. Comum/Dipiv/Coivi. Brasília 2015.
- BENKO, G; PECQUEUR. Os recursos de territórios e os territórios de recursos. *Geosul: revista do Departamento de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. UFSC*. v.16, n.32. 2001.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CHESNAIS, F. *Mundialização Financeira: gênese, custos e riscos/ coordenado por François Chesnais*. – São Paulo: Xamã, 1998.
- CHESNAIS, François; et. al. *Uma nova fase do capitalismo?* São Paulo: Xamã, 2003.
- DUMÉNIL, G; LÉVY. *Uma Nova Fase do Capitalismo? Três interpretações marxistas*. In: *Uma Nova Fase do Capitalismo*, São Paulo, Xamã. 2003.
- FUNDAÇÃO SEADE: *Investimentos anunciados na Região Metropolitana de Campinas 1997-2005*. disponível em <<http://www.agemcamp.sp.gov.br/>>. Acesso em junho de 2011.
- _____. *Apresentação e análise dos investimentos anunciados na RMC 2006-2009*. Disponível em <<http://www.agemcamp.sp.gov.br/>>. Acesso em julho de 2012.
- _____. *Investimentos anunciados na Região Metropolitana de Campinas 2010-2014*. Disponível em <<http://www.agemcamp.sp.gov.br/>>. Acesso em outubro de 2016.
- _____. *Investimentos anunciados na Região Metropolitana de Campinas (vários anos)*. Disponível em <<http://www.agemcamp.sp.gov.br/>>. Acesso em outubro de 2016.
- _____. *Emprego Formal da RM de Campinas 4º trimestre de 2015*. São Paulo.2015. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em outubro de 2016.
- FURTADO, Celso. *O Longo Amanhecer*. São Paulo: Paz e Terra. 1999.
- HARVEY, David. *Produção Capitalista do Espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- _____. *O Enigma do Capital: e as crises do Capitalismo*. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. *Os Limites do Capital*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2013
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. *Brasil em Desenvolvimento*. Estado, Planejamento e Políticas Públicas. Série Brasil: o estado de uma nação. Vol.1. IPEA, 2009.
- LUCIA, Maria G. *Lo Spazio Geográfico dell' Economia Finanziaria*. Torino. Celid. 2010.
- MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e do Comércio Exterior. *Anúncios de projetos de investimentos 1º e 2º semestres de 2015*. RENAI. Brasília. 2015. Disponível em: <www.mdic.gov.br/renai> acesso em outubro de 2016.
- SANTOS, Milton. *A Aceleração Contemporânea* In: *Os desafios da globalização*. DOWBOR, et al. (Org.). Petrópolis:Vozes, 1997.
- _____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção* (1996). São Paulo: Edusp. 4.ed. 4. reimpr., 2008.
- _____. *O Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos* (1979). Tradução de Myrna T. Rego Viana. 2ª. ed. 1ª. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008b.
- _____. *Da Totalidade ao Lugar*. 1 ed. 1 reimpr. São Paulo: Edusp, 2008c.
- _____. *A Urbanização Brasileira* (1993). São Paulo: Edusp. 5. ed., 1. reimpr. 2008d
- _____. *Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. *O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo* (1978). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 5. ed, 2009b.
- _____. *O Período Técnico Científico e os estudos geográficos* *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 4, p. 15-20, nov. 1985.

MONBEIG, Pierre. *Novos estudos de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.

SANTOS; SILVEIRA, M. L. *O Brasil : Território e sociedade no início do século XXI*. (2001) Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVEIRA, M.L. *Um país, uma região: fim de século e modernidades na Argentina*. São Paulo: FAPESP; LABOPLAN-USP, 1999.

SCHERMA, Ricardo. A. *Capitalismo Financeiro e Uso Corporativo do Espaço da Nação: O território como recurso*. Rio Claro. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2012.

Sobre o autor

Ricardo A. Scherma: professor de Geografia Humana da Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó (SC). Possui doutorado (2012) e mestrado (2009) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Rio Claro. É licenciado em Geografia (2005) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. José do Rio Pardo. Realizou estágio de pesquisa (2011-2012) na Università di Torino, em Turim, Itália, com recursos da FAPESP. Trabalha principalmente com os seguintes temas: uso corporativo do território, dinâmica territorial, território e finanças, capitalismo financeiro, globalização e dinâmica dos lugares.

* * *

ABSTRACT

Territorial development in the financialized capitalism: the technical-scientific-informational environment and the territorialization of investment

The increasing direction of overaccumulated capital for profit realization in the financial sphere has resulted in very low productive investments rates in the last three decades (LUCIA, 2010); thus, the territories, on different scales, seek to attract the few investments that the companies announce. This paper aims to present elements that command the territorialization of productive investments. Nowadays, metropolises, intermediate cities and agglomerate areas are the places where preferentially settle the financial resources for expansion of the productive forces. The presence of a technically modern geographical environment (SANTOS, 1996) and the construction of a “favorable business climate” (Harvey, 2006) allow capital flows to gross fixed capital formation direct to those regions or cities that better attend the requirements of reproduction and accumulation. We present the study in Metropolitan Region of Campinas (SP), a subspace that has received investments in the industrial and service sectors, setting up one of the regions of Brazilian territory that participate in this logic of globalized capital.

KEYWORDS: productive investments, transnational companies, Metropolitan Region of Campinas (Brazil).

RESUMEN

Desarrollo territorial en la trama del capitalismo financiarizado: el medio técnico-científico-informacional y la territorialización de la inversión

La dirección creciente del capital superacumulado para la realización lucrativa en la esfera financiera resultó en tasas de inversiones productivas muy bajas en estas últimas tres décadas (LUCIA, 2010); así, los territorios, en sus distintas magnitudes, buscan atraer las pocas inversiones que las empresas anuncian. Este texto presenta elementos que comandan la territorialización de las inversiones productivas. Hoy día son las metrópolis, las ciudades intermediarias y los aglomerados urbanos los lugares en donde se instalan preferencialmente los recursos financieros para la expansión de las fuerzas productivas. La presencia de un medio geográfico técnicamente moderno (SANTOS, 1996) y la construcción de “un clima favorable a los negocios” (HARVEY, 2006) permiten que los flujos de capital destinados a la formación bruta del capital fijo direccionense para aquellas regiones o ciudades que mejor atiendan a las exigencias de reproducción y acumulación. Presentamos el estudio realizado para la Región Metropolitana de Campinas (SP), un subespacio que ha recibido inversiones en el sector industrial y de servicios, configurándose una de las regiones del territorio brasileiro participe de esta lógica del capitalismo mundializado.

PALABRAS CLAVE: inversiones productivas, empresas transnacionales, Región Metropolitana de Campinas (Brasil).

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>